

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.

DOI do preprint publicado: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.106.6452>

# ENTRE BICHOS E MONSTROS: OS LIVROS PREFERIDOS POR CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Beatriz Levanteze de Burgos, Marcia Abreu, Melissa Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8127>

Submetido em: 2024-02-28

Postado em: 2024-02-29 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## ENTRE BICHOS E MONSTROS: OS LIVROS PREFERIDOS POR CRIANÇAS HOSPITALIZADAS<sup>1</sup>

**BEATRIZ LEVANTEZE DE BURGOS<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0009-0008-3835-154X>

[biaburgos2000@gmail.com](mailto:biaburgos2000@gmail.com)

**MÁRCIA ABREU<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3497-559X>

[m\\_abreu@unicamp.br](mailto:m_abreu@unicamp.br)

**MELISSA SANTOS<sup>4</sup>**

<https://orcid.org/0009-0007-9304-9434>

[santos.melissa@unifesp.br](mailto:santos.melissa@unifesp.br)

**RESUMO:** Muitas iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido de humanizar o tratamento hospitalar, levando atividades lúdicas para crianças internadas, entre elas sessões de contação de histórias. Já se sabe que o contato com narrativas apresenta resultados positivos para o bem-estar geral das crianças. Entretanto, faltam estudos que examinem suas preferências em relação aos livros.

Esta pesquisa propõe-se a analisar o interesse de crianças hospitalizadas por livros que lhes foram apresentados, buscando encontrar padrões em suas escolhas. As reações de 174 crianças com idades entre 6 e 10 anos foram analisadas. Os resultados mostraram que as crianças optaram por livros em que figuram animais humanizados ou personagens monstruosos que demonstram comportamentos também humanizados. Essas opções foram feitas em detrimento de personagens humanos, sejam eles adultos ou crianças, e também em detrimento de animais não-personificados e de livros com capas abstratas.

Ambiciona-se contribuir para a obtenção de resultados ideais no trabalho das organizações que levam contadores de histórias aos hospitais e, com isso, proporcionar melhorias na qualidade da internação pediátrica humanizada.

**Palavras-chave:** Contação de histórias, Literatura infantil, Hospitalização infantil, Humanização na saúde, Preferências infantis.

## ANIMALES Y MONSTRUOS: LOS LIBROS FAVORITOS DE LOS NIÑOS HOSPITALIZADOS

**RESUMEN:** Se han desarrollado numerosas iniciativas para humanizar el tratamiento hospitalario, brindando actividades recreativas a los niños hospitalizados, incluidas sesiones de cuentacuentos. Ya se sabe que el contacto con las narrativas produce resultados positivos para el bienestar general de los niños. Sin embargo, aún faltan estudios que analicen sus preferencias con respecto a los libros.

Esta investigación tiene como objetivo analizar el interés de niños hospitalizados por los libros que se les presentan, buscando encontrar patrones en sus elecciones. Se analizaron las reacciones de 174 niños de entre 6 y 10 años. Los resultados mostraron que los niños eligieron libros con animales

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa está vinculada ao projeto coletivo “Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais” (Fapesp processo 2022/05782-6) e “Impactos do contato com narrativas ficcionais em crianças hospitalizadas” (CNPq processo 301698/2022-8). Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (número do CAAE: 64067622.0.0000.5404).

<sup>2</sup> Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<sup>3</sup> Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

<sup>4</sup>Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino, São Paulo (SP), Brasil.

humanizados o personagens monstruosos que demonstram comportamentos humanizados. Estas eleições se fizeram em detrimento de los personagens humanos, ya sean adultos o niños, y en detrimento de los animales no personificados y de los libros con cubiertas abstractas.

El objetivo es contribuir a lograr resultados óptimos en el trabajo de las organizaciones que llevan cuentacuentos a los hospitales y, así, proporcionar mejoras en la calidad de la hospitalización pediátrica humanizada.

**Palabras clave:** Cuentacuentos, Literatura infantil, Hospitalización pediátrica, Humanización en la salud, Preferencias infantiles.

## **ANIMALS AND MONSTERS: THE FAVORITE BOOKS OF HOSPITALIZED CHILDREN**

**SUMMARY:** Many initiatives have been developed to humanize hospital treatment, providing recreational activities for hospitalized children, including storytelling sessions. It is already known that contact with narratives yields positive results for the overall well-being of children. However, studies examining their preferences regarding books are still lacking.

This research aims to analyze the interest of hospitalized children in books presented to them, seeking to find patterns in their choices. The reactions of 174 children aged between 6 and 10 years were analyzed. The results showed that children chose books featuring humanized animals or monstrous characters that demonstrate humanized behaviors. These choices were made to the detriment of human characters, whether adults or children, and to the detriment of non-personified animals and books with abstract covers.

The aim is to contribute to achieving ideal results in the work of organizations that bring storytellers to hospitals and, thereby, provide improvements in the quality of humanized pediatric hospitalization.

**Key words:** Storytelling, Children's literature, Pediatric hospitalization, Humanization in health, Children's preferences.

## **INTRODUÇÃO**

Crianças têm suas preferências submetidas à interpretação e ao direcionamento de adultos em níveis diversos em suas vidas e isso não é diferente em relação ao contato com livros. Suas escolhas têm relativamente pouco espaço na literatura infantil, que é escrita, composta, vendida e comprada por adultos, que agem em função de seus interesses, preocupações e convicções sobre o que é melhor para elas – o que nem sempre coincide com os interesses, preocupações e convicções dos pequenos leitores. Se as crianças são hospitalizadas, sua capacidade de escolher e decidir fica ainda mais limitada.

No bojo de uma crescente busca pela humanização dos cuidados em saúde,<sup>5</sup> muitas iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido de propiciar o contato de crianças hospitalizadas com obras literárias por meio de sessões de contação de histórias. Nesse caso, há também uma forte intervenção adulta, pois quem escolhe o livro ou o conjunto de livros a ser levado à criança são os contadores. Apesar de serem muito capacitados e experientes, eles fazem escolhas a partir de sua perspectiva. Quando levam em conta características textuais e composicionais, partem do que eles julgam ser bom ou emocionante; quando levam em conta características materiais, baseiam-se naquilo que acham mais bonito e atraente.

---

<sup>5</sup> Entende-se por tratamento humanizado aquele que considera a integralidade do cuidado, isto é, busca a união entre a excelência técnica do tratamento e a construção de relações sólidas entre o paciente, sua família e a equipe de saúde. (Torres et al. 2022). A Resolução nº. 41, art. 9, do Ministério da Justiça e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, de outubro de 1995 (Brasil, 1995), prevê que toda criança e adolescente hospitalizados têm o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento de currículo escolar durante sua permanência hospitalar.

Maria Nikolajeva (2019) questiona a ideia de que adultos possam saber como é ser criança por já o terem sido um dia. A partir de evidências biológicas e de estudos cognitivos, ela afirma que a reestruturação do cérebro é de tal ordem ao longo do processo de passagem para a vida adulta, que os modos de entender e sentir infantis se tornam irremediavelmente perdidos (Nikolajeva, 2019, p. 23). Ainda que seja inviável um adulto colocar-se integralmente no lugar de uma criança, é possível ter acesso ao que desperta seu interesse por meio de estudos que investiguem suas preferências literárias, o que possibilitaria uma seleção de livros mais adequada para suas idades, gêneros e para o contexto em que se encontram essas crianças – o que é especialmente relevante quando elas vivenciam uma internação hospitalar.

Já se sabe que a contação de histórias apresenta resultados positivos para a criança hospitalizada (Mussa e Malerbi, 2008; Broseghini, 2018; Brondani e Pedro, 2019; Brockington, 2021). Mas será que *qualquer* história produz o mesmo efeito? A falta de pesquisas dificulta a obtenção de resultados ideais no trabalho das organizações que levam contadores de histórias aos hospitais e compromete avanços na melhoria da qualidade da internação pediátrica com a inclusão de estratégias lúdicas no tratamento.

Por isso, neste artigo, examinamos as escolhas de leitura realizadas por crianças hospitalizadas, a fim de encontrar indícios de interesses e predileções. Levar o livro ideal para dentro do hospital pode ser a virada de chave para a obtenção de resultados ainda mais positivos para o bem-estar infantil.

## OFERECENDO NARRATIVAS FICCIONAIS PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Para buscar entender o impacto do contato com livros em crianças hospitalizadas, a pesquisa “Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais”<sup>6</sup>, coordenada por Márcia Abreu e Guilherme Brockington, selecionou obras infantis, divididas em conjuntos de 8 livros: narrativas em prosa simples, narrativas em prosa complexas e poesias narrativas. As narrativas simples foram apresentadas às crianças de duas maneiras: em livros impressos e em versões digitalizadas e oralizadas em um dispositivo eletrônico.

A distinção no nível de complexidade das narrativas não corresponde a um juízo de valor estético ou literário. Ela se baseou simplesmente nas características textuais e composicionais das histórias.

Para os efeitos desse estudo, narrativas simples “são aquelas em que as ações são apresentadas linearmente, mantendo entre si tênue conexão, e em que o conflito (isto é, os desafios que os personagens devem superar na tentativa de atingir um objetivo) inexistente ou é trivial. Nesses casos, não há incerteza quanto à possibilidade de se alcançar a meta desejada, eliminando um possível suspense e tornando o desfecho da narrativa previsível. As histórias desenvolvem-se em um arco temporal restrito, ordenado cronologicamente, em um espaço limitado e escassamente

---

<sup>6</sup> A pesquisa visa examinar o impacto do contato de crianças com narrativas ficcionais na regulação fisiológica e em funções psicológicas, por meio da análise de biomarcadores (ocitocina e cortisol) e escalas de dor, após uma sessão de 30 minutos de contação de histórias. São consideradas as características textuais e composicionais das obras lidas, bem como a inserção social das crianças e o impacto da presença de um contador de histórias como mediador no contato com a narrativa. Estão sendo analisados os dados de 360 crianças (180 meninos e 180 meninas) entre 6 e 10 anos. Metade delas internada no Hospital das Clínicas da Unicamp (Campinas) e metade no Hospital da Criança São Luiz Jabaquara (São Paulo). A equipe de pesquisadores é composta por Márcia Abreu (Unicamp) e Guilherme Brockington (UFABC), Melissa Santos, Artur Cintra e Thamires Dias (psicólogos), Beatriz Burgos (estudante Unicamp), Mariana Tresoldi (pediatra – Hospital das Clínicas da Unicamp), Silianny de Fátima Jandotti Pesconi (chefe da enfermagem do HC), Juliana de Lima Teodoro e Eliana Soares e Amanda Carvalho Brandão (equipe de enfermagem do Hospital da Criança São Luiz Jabaquara). A ONG Viva e Deixe Viver participa do projeto por meio da formação e acompanhamento dos contadores de histórias. Agradecemos a colaboração das contadoras Márcia Maria Santos do Rosário, Maria Elisabete Fernandes Dias e Victória do Monte Rodrigues, que atuaram no Hospital das Clínicas da Unicamp e Ana Maria Simões Sardinha Matias, Dora Estevez, Fatine Chamon, Maria Lúcia Dias de Barros, Raquel Luciana da Motta Silva, Vera Regina Whitaker Carneiro Gracitelli, que atuaram no Hospital da Criança São Luiz Jabaquara. Sem seu empenho e dedicação, esta pesquisa seria inviável.

descrito. Contam com poucos personagens, com descrição breve ou inexistente, que não passam por mudanças significativas ao longo da história. O narrador, por sua vez, tem um papel pouco saliente, atuando, sobretudo, na descrição dos personagens, na introdução dos diálogos e na apresentação dos acontecimentos; sua voz não tem destaque, seja do ponto de vista dos usos de linguagem, seja do ponto de vista da trama. Os diálogos são simples, tanto no tratamento dos assuntos abordados, quanto no nível verbal. A linguagem empregada no texto é próxima à coloquial, com predominância de frases curtas, apresentadas em ordem direta, com uso frequente de repetições, diminutivos e clichês. Têm pequena extensão (menos de 400 palavras) e apoiam-se fortemente nas ilustrações.

Os títulos que compõem o conjunto de narrativas simples são: *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky, com ilustrações de Claudius; *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman, com ilustrações de Ionit Zilberman; *A mãe que voava*, de Caroline Carvalho, com ilustrações de Inês da Fonseca; *Monstro Rosa*, de Olga Dios; *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox, com ilustrações de Julie Vivas; *A menina da cabeça quadrada*, de Emilia Nunes, com ilustrações de Bruna Assis Brasil; *Gildo*, de autoria e ilustrações de Silvana Rando; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Audrey Wood, com ilustração de Don Wood.



Figura 1 – Capas dos livros que compõem o grupo de narrativas simples<sup>7</sup>

As histórias que constituem o conjunto de narrativas complexas não são tão uniformes como as simples; por isso, sua definição contém mais variações e nem todas as características listadas a seguir estão presentes na totalidade dos livros. Nesse conjunto, incluem-se as histórias que se articulam em torno a um conflito ou a uma necessidade de um ou vários personagens, o que o(s) obriga a superar alguma dificuldade. A solução do conflito não é inteiramente previsível, criando suspense ou mantendo acesa a curiosidade. Os personagens podem cometer erros, ser maldosos, mal-intencionados ou tomar atitudes ambíguas; podem correr riscos e, eventualmente, transformar-se ao longo da narrativa. Apresentam-se elementos suficientes para caracterizá-los do ponto de vista físico e de comportamento; seu caráter é tematizado e tem parte importante no desenvolvimento da trama, de modo que há correlação forte entre as personagens e o enredo. O grupo de personagens relevantes não se limita a um ou dois. Os diálogos contribuem para fazer o enredo avançar ou para revelar o caráter dos personagens. O narrador pode ser participante e sua

<sup>7</sup> Nas figuras 1, 2 e 3, as dimensões das imagens buscam tornar perceptíveis as diferenças entre os tamanhos e formatos dos livros.

voz pode ser o elemento de destaque, tendo em vista a natureza de seus comentários ou de sua interlocução com os leitores. A linguagem é simples, como convém a narrativas infantis; entretanto, é mais próxima da linguagem escrita formal do que da coloquial; há sentenças relativamente longas, presença de figuras de linguagem e efeitos poéticos. Há descrições de cenários e ambientes. Têm média extensão e, embora sejam ilustradas, não dependem das imagens para sua sustentação.

Os títulos que compõem o conjunto de narrativas complexas são: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, adaptação de Edson Rocha Braga e ilustrações de Luís Maia; *Pinóquio*, de Carlo Collodi, com ilustrações de Agustí Asensio; *Os músicos de Bremen*, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, com ilustrações de Michel Boucher; *Ursinho Pooh*, de Alan Alexander Milne, com ilustrações de E. H. Shepard; *O monstro monstruoso e a caverna cavernosa*, de Rosana Rios, com ilustrações de André Neves; *O pequeno Nicolau*, de Jean-Jacques Sempé e René Goscinny; *Ulomma: a casa da beleza e outros contos*, de Sunny, com ilustrações de Denise Nascimento; *As gêmeas de Moscou*, de Luís Fernando Veríssimo, com ilustrações de Rogério Coelho.

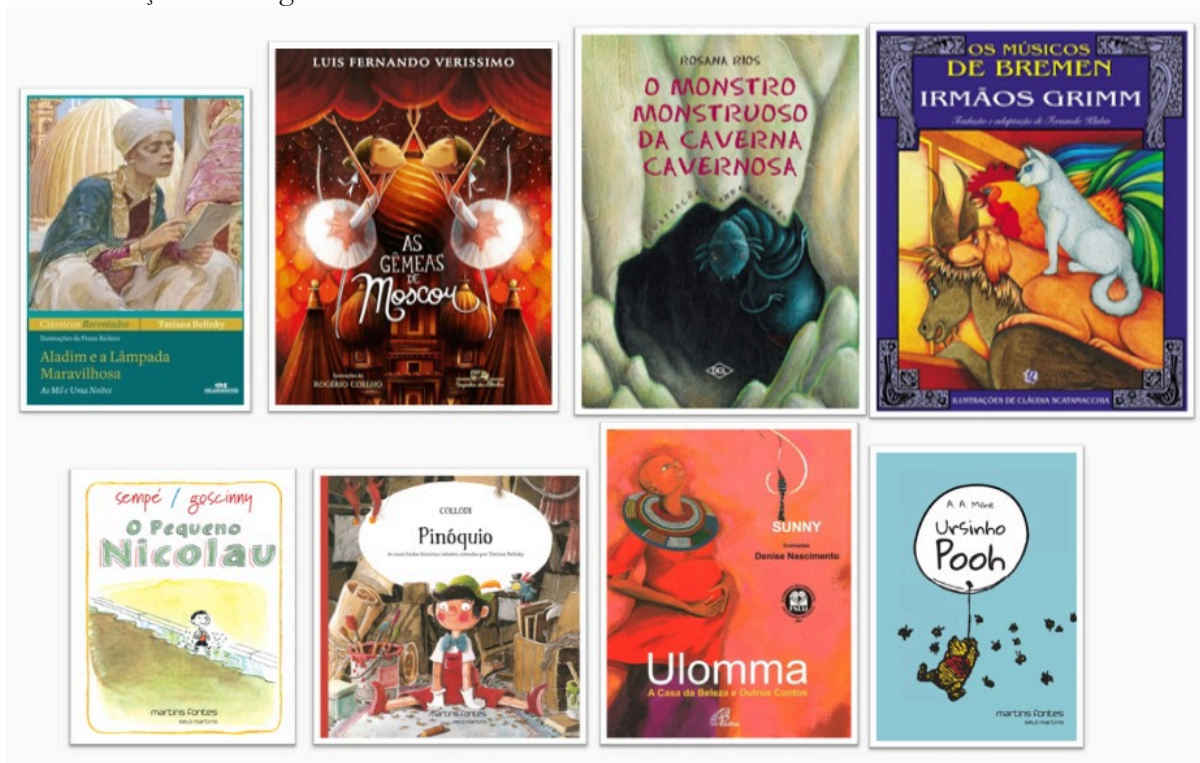


Figura 2 – Capas dos livros que compõem o grupo de narrativas complexas

Narrativas podem ser expressas em prosa ou em verso, portanto, interessa verificar também se a forma poética pode conduzir a reações diferentes por parte das crianças. Portanto, foi constituído um conjunto de histórias ficcionais em versos. Os livros que compõem esse conjunto são: *Malasaventuras – Safadezas do Malasartes*, de Pedro Bandeira, com ilustrações de Roberto Negreiros; *Um leão dentro de nós*, de Rachel Bright, com ilustrações de Jim Field; *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de Emicida, com ilustrações de Aldo Fabrini; *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, de Evaristo Geraldo da Silva; *Macaco danado*, de Julia Donaldson, com ilustrações de Axel Scheffler; *Carona*, de Guilherme Karsten; *Fábulas e Contos em Versos*, de Marília Lovatel, com ilustrações de Alexandre Jales; *Lia e o feitiço da palavra*, de Marília Moreira, com ilustrações de Maria da Betânia Galas.



Figura 3 – Capas dos livros que compõem o grupo de poesias narrativas

Apesar das diferenças entre os textos, há similaridades entre os conjuntos, tais como a presença do humor, personagens animais, personagens monstruosos, protagonista preto, protagonista feminina, protagonista masculino, presença de auxiliar mágico.

Nas sessões de contação desenvolvidas para esta pesquisa, as contadoras seguem alguns parâmetros: as obras são apresentadas às crianças e elas são instadas a selecionar o livro cuja leitura desejam ouvir, após examinarem as capas, a forma material do impresso e ouvirem resumos dos enredos (que se limitam a um breve apanhado sobre os temas, sem *spoilers*, buscando instigar a curiosidade das crianças). Durante o período da contação, que dura em torno de 30 minutos, elas podem mudar de opção antes do término da leitura, passando para outra obra; podem, também, solicitar que uma mesma história seja lida mais de uma vez ou podem escolher uma sequência de títulos até que o tempo seja atingido. Aqueles que têm contato com narrativas simples digitalizadas e oralizadas também têm acesso a todas as capas dos livros e a um breve resumo de seus enredos antes de realizarem suas escolhas. O resumo foi previamente gravado e, portanto, é apresentado de maneira sempre igual para todas as crianças, o que não ocorre quando os livros são apresentados por contadoras. As crianças também podem suspender a reprodução, acompanhar mais de uma vez a mesma história ou selecionar vários livros dentro do período estipulado para a sessão.

A pesquisa “Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais” ainda está em andamento, mas já há dados que permitem vislumbrar quais são os interesses de crianças hospitalizadas, por meio da observação das escolhas feitas dentre os livros oferecidos a elas. Para esta análise, foram considerados dados de 174 crianças, entre 6 e 10 anos de idade, internadas no Hospital das Clínicas da Unicamp (Campinas) ou no Hospital da Criança São Luiz Jabaquara (São Paulo). Dentre elas, 26 tiveram contato com narrativas simples (doravante denominado grupo A), 68 tiveram contato com narrativas simples mediadas por aparelho eletrônico (grupo B), 43 tiveram contato com narrativas complexas (grupo C) e 37 tiveram contato com poesias narrativas (grupo D).

## LEVANTAMENTO DOS DADOS

As escolhas realizadas pelas crianças são registradas em um formulário especialmente concebido para a pesquisa. Ele conta com uma primeira parte, em que são registrados um código identificador da criança, sua idade, seu gênero, se estava acompanhada ou não e por quem, se havia livros ou desenhos no quarto. Registra-se, também, o fato de a narrativa ter sido lida por inteiro ou de ter desistido durante a leitura e, nesse caso, em qual página do livro isso aconteceu.

A cada dia, um dos conjuntos de livros é sorteado, evitando, assim, qualquer critério subjetivo ou preferência das contadoras na seleção dos grupos. As escolhas da criança são também anotadas no formulário. A depender do tamanho das histórias, as crianças conseguem selecionar até quatro livros a serem contados.

Em outro formulário, são coletados dados socioeconômicos e culturais das famílias das crianças internadas em Campinas ou em São Paulo, que vêm de realidades bastante distintas.

As crianças internadas no Hospital São Luiz vivem em uma grande metrópole, enquanto as que estão no HC vêm de realidades mais diversas, que incluem cidades de variado tamanho, dentro ou fora do Estado de São Paulo. Do ponto de vista étnico, são semelhantes, com predominância de brancos (49,6% no HSL e 45,4% no HC), seguidos por pardos (41,4% no HC e 38% no HSL). A grande diferença está na formação escolar dos responsáveis pelas crianças e na renda. Em São Paulo, 78,8% deles passaram pela universidade (graduação e pós-graduação, completas ou incompletas) contra apenas 16,1% no Hospital das Clínicas. As crianças internadas no HSL vivem em famílias cuja renda mensal é superior a R\$ 7.000,00 (50,4%), enquanto, no HC, a grande maioria vive com renda inferior a isso (91,8%).

Do ponto de vista da formação escolar das crianças também há diferenças: no HSL a maioria das crianças (62,8%) frequentam escola particular, enquanto no HC quase todas estudam em escolas públicas (91,9%). A maior parte das crianças é capaz de ler sozinha, segundo depoimento dos responsáveis: em São Paulo, 75% afirmaram que a criança sob seus cuidados é capaz de ler um texto sem auxílio; em Campinas, 69,9% a declararam capaz de ler sozinha. Dentre elas, a maioria costuma ler em casa (83,3% no HSL e 81,1% no HC) e ouve leitura oral feita por parentes em casa (70,8% no HSL e 59,5% no HC). Os tipos de livros com os quais as crianças têm contato em casa (seja em leitura solitária ou com a mediação dos parentes) são os mesmos em ambos os lugares – em ordem decrescente, de maior para menor ocorrência, livros infanto-juvenis, gibis/histórias em quadrinhos e livros religiosos.

A grande semelhança está no fato de as pessoas responsáveis pelo cuidado das crianças internadas serem mulheres – mães, avós ou tias –, com números quase idênticos em ambos os hospitais (79,7% no HC e 79,6% no HSL).

Bastante distinto também é o ambiente hospitalar. Na enfermaria pediátrica do Hospital das Clínicas, a maioria dos quartos conta com dois leitos (embora haja quartos maiores, com até quatro leitos), munidos de equipamentos de monitoração, camas para os pacientes, poltronas reclináveis para os acompanhantes, armário, televisão e banheiro. O ambiente é ruidoso, devido ao número de pessoas no quarto e ao fato de que as portas costumam ficar abertas para favorecer a ventilação, uma vez que não há ar-condicionado. Os acompanhantes e as crianças têm acesso ao uso de celulares e aparelhos eletrônicos, e os televisores dos quartos ficam ligadas na maior parte do tempo, o que também contribui para o ruído ambiente. Quando não estão passando por algum exame ou procedimento que as retenha no leito, as crianças podem circular pelos corredores e no pátio da enfermaria, podendo desfrutar de momentos de recreação coletivos. As crianças que estão em UTI, evidentemente, não podem afastar-se dos leitos, que são dispostos ao redor do posto de enfermagem, localizado no centro do ambiente. O ambiente comporta 20 leitos, diversos equipamentos de monitoramento e um televisor para cada criança, que exibe filmes e desenhos infantis. Ao lado de cada cama, há uma cadeira para o acompanhante, cuja visita é permitida apenas em horários pré-determinados.

No Hospital da Criança, em São Paulo, a maioria dos quartos são de leito único, sendo raras as exceções em que há mais de uma criança no mesmo ambiente, mesmo quando estão em Unidade de Terapia Intensiva (UTI). As acomodações contam com camas para os pacientes,

poltronas reclináveis e sofá para os acompanhantes, armário, televisão, banheiro, mesa com cadeira, frigobar e ar-condicionado. O ambiente é mais silencioso do que o do HC da Unicamp devido à pequena quantidade de pessoas por quarto (em geral, apenas a criança e seu acompanhante) e ao fato de que as portas costumam ficar fechadas. A maior parte do ruído vem da televisão, que fica ligada na maioria dos quartos, e dos aviões que sobrevoam o local, pois há um aeroporto na região em que o hospital fica localizado. Quando não estão em isolamento e quando não estão em leitos de terapia intensiva, as crianças podem sair dos quartos para frequentar as brinquedotecas. Elas estão presentes em cada um dos andares de enfermaria para que as crianças possam desfrutar de momentos lúdicos com os acompanhantes e com outras crianças internadas.

Tanto em Campinas quanto em São Paulo, participaram das sessões de contação crianças que estavam conectadas a aparelhos de monitoração, que estavam recebendo algum tipo de medicamento intravenoso, assim como as que não estavam conectadas a nenhum tipo de dispositivo, tanto em UTI quanto em enfermaria.

Em ambos os hospitais, as contadoras seguem protocolos semelhantes durante as sessões de contação. No HC, elas permanecem em pé ao lado da cama, leem as obras voltando a página para si e depois mostram os livros abertos para que as crianças possam observar as ilustrações. Mesmo que haja mais de um paciente no quarto, elas se voltam para apenas uma criança no momento da contação. No HSL, há espaço nos quartos para que elas possam se posicionar ao lado do leito, permitindo que a criança observe as páginas enquanto a contação é feita. Todas as contadoras leem com entonação adequada, mas não teatralizam o texto, nem usam adereços e instrumentos auxiliares. Em São Paulo, elas utilizam obrigatoriamente máscaras de proteção, dificultando a observação de suas expressões faciais, o que não ocorre em Campinas, em que máscaras são utilizadas apenas nos quartos em que há risco de contágio. Durante as sessões, no HC, o volume dos televisores é diminuído, enquanto, no HSL, os aparelhos são desligados. Em ambos os locais, a equipe hospitalar evita interromper a contação, o que favorece a concentração das crianças, que dificilmente desviam sua atenção para o que está se passando ao redor enquanto escutam as histórias.

### As crianças escolhem

Apesar de haver diferenças expressivas entre a condição social das crianças e entre os dois hospitais, as escolhas feitas por elas foram bastante homogêneas.

Tendo em vista o tempo disponível na sessão, as contadoras podem realizar a leitura de diversos livros, especialmente se forem do grupo de narrativas simples, que são bastante curtas. Para os propósitos desta análise, limitamos a observação aos três primeiros títulos indicados pelas crianças, pois, a partir daí, as escolhas se tornam mais restritas, considerando que o conjunto completo é composto por oito títulos.

No grupo A, composto pelas crianças que tiveram contato com narrativas simples mediadas por contador, os três livros mais selecionados foram:

**Tabela 1 – GRUPO A: Narrativas simples mediadas por contador**

| Livro  | 1 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 2 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 3 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 1 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | 2 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | 3 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | TOT<br>AL |
|--|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|-----------|
| O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado | 2                                   | 3                                   | 3                                   | 1                               | 4                               | 2                               | 15        |
| Gildo  | 2                                   | 3                                   | 2                                   | 3                               | 1                               | 2                               | 13        |
| O grande rabanete  | 2                                   | 0                                   | 3                                   | 5                               | 2                               | 0                               | 12        |

Os títulos mais escolhidos nesse grupo têm um importante traço comum: em todos eles há animais personificados na capa. *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* traz um rato, no topo de uma escada, com um ar malandro e um dedo em riste sobre a boca, como quem pede segredo. *Gildo* traz um elefante, ainda mais humanizado, pois usa uma camisa de botão, e tem ao seu lado um pássaro vestido com uma camiseta listrada. O elefante tem olhos arregalados, assim como o pássaro, e está ruborizado. *O grande rabanete* traz na capa um rato, sem roupas humanas, mas apoiado sobre duas pernas, com as mãos na cintura, como faria um humano. Ele tem as bochechas vermelhas e um leve sorriso nos lábios. Também sorrindo, uma minhoca atravessa a letra O do início do título. Há também semelhanças nos resumos do enredo apresentados às crianças no momento que antecede as escolhas. *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* conta a história de um pequeno rato que se esforça de várias maneiras para evitar que um urso coma o morango maduro que ele acaba de colher. *Gildo* conta a história de um elefante muito valente, mas que tem um grande medo de uma única coisa. E é esse medo que ele vai ter que enfrentar na história. *O grande rabanete* mostra como é difícil retirar do chão um rabanete gigantesco. Em todos os casos, a apresentação dos resumos termina com um gatilho do tipo: “será que ele vai conseguir?”

O mesmo conjunto de livros está presente no grupo B, mas eles são apresentados às crianças por meio de um tablet. Nesse caso, as escolhas realizadas pelas crianças foram ligeiramente diferentes das que fizeram em relação aos livros físicos:

**Tabela 2 – GRUPO B: Narrativas simples mediadas por equipamento eletrônico**

| Livro  | 1ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 2ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 3ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 1ª<br>escolha<br>HC | 2ª<br>escolha<br>HC | 3ª<br>escolha<br>HC | TOT<br>AL |
|--|-------------------------|-------------------------|-------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|-----------|
| Monstro Rosa   | 7                       | 11                      | 2                       | 8                   | 11                  | 3                   | 42        |
| O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado | 13                      | 3                       | 8                       | 3                   | 4                   | 6                   | 37        |
| O grande rabanete  | 5                       | 9                       | 4                       | 15                  | 3                   | 1                   | 37        |

Ainda que dois títulos se repitam em relação ao grupo A, destaca-se um livro poucas vezes selecionado naquele conjunto: *Monstro Rosa* – que, na versão impressa, foi escolhido apenas três vezes no Hospital das Clínicas e outras três no Hospital São Luiz, e nunca como primeira opção. A capa do livro retrata um sorridente monstro, que tem um único olho no alto da cabeça e o corpo todo coberto de um espesso pelo cor-de-rosa. Ele tem duas pequenas orelhas, unhas vermelhas nos pés e nas mãos, e segura uma casinha em uma das mãos. Na apresentação do livro, as contadoras dizem às crianças que se trata um monstro diferente de todos os outros e que, por isso, não se sente bem no lugar onde vive. Ele decide viajar em busca de um lugar melhor. Será que vai conseguir?

Alguns elementos podem ter levado à diferença na escolha das crianças, entre eles o fator humano. A apresentação dos resumos por parte das contadoras certamente variou de pessoa para pessoa e com o passar do tempo. Assim, a forma de oferecer os livros pode variar de dia para dia, de contadora para contadora, de criança para criança. Um resumo mais sucinto ou menos entusiasmado confere mais importância à capa e aos títulos. Ao encontrar um paciente mais desanimado, por exemplo, a contadora pode ter sido induzida a apresentar primeiro aquele livro de que gosta mais, ou até mesmo a apresentar os resumos de forma mais animadora. Por sua vez,

aqueles que tiveram a contação mediada por aparelho eletrônico escutaram um resumo previamente gravado que, portanto, foi sempre o mesmo, assim como foi sempre a mesma a ordem de apresentação dos títulos, o que não ocorre entre as contadoras. Assim, a ordem de exibição das obras, o entusiasmo da contadora ao relatar o resumo e o conteúdo da apresentação podem estar na base da diferença entre os dois grupos. Mesmo assim, importa destacar a coincidência na escolha dos outros dois títulos (*O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado e O grande rabanete*), que atraíram a atenção das crianças seja quando tiveram um aparelho eletrônico em mãos, seja quando se encontraram com uma contadora.

O tema dos monstros e dos animais voltou a se destacar no grupo C, em que crianças tiveram contato com narrativas complexas.

**Tabela 3 – GRUPO C: Narrativas complexas mediadas por contador<sup>8</sup>**

| Livro                                      | 1ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 2ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 3ª<br>escolha<br>S.LUIZ | 1ª<br>escolha<br>HC | 2ª<br>escolha<br>HC | 3ª<br>escolha<br>HC | TOT<br>AL |
|--|-------------------------|-------------------------|-------------------------|---------------------|---------------------|---------------------|-----------|
| Pinóquio                                   | 6                       | 3                       | -                       | 4                   | 5                   | 1                   | 19        |
| O monstro monstruoso e a caverna cavernosa | 8                       | 3                       | -                       | 3                   | 3                   | 0                   | 17        |
| Os músicos de Bremen                       | 1                       | 6                       | -                       | 5                   | 4                   | 0                   | 16        |

Mais uma vez, nenhum dos livros mais escolhido traz na capa pessoas, sejam elas adultas ou crianças. *Pinóquio* mostra um boneco de madeira, com feições bem humanas, mas com braços e pernas em que se destacam articulações presas por parafusos. Ao seu lado, um grilo, com casaco, luvas, cachecol, luvas e cartola parece espantado. O segundo livro mais escolhido, *O monstro monstruoso e a caverna cavernosa*, apresenta um ser semelhante a um inseto, com dois dentes pontudos, três orelhas e raros cabelos no alto da cabeça, dentro do buraco de uma estilizada caverna. *Os músicos de Bremen* apresenta um desenho realista de um burro, em cujas costas há um cachorro, um gato e um galo, todos olhando para dentro de uma janela. Ainda que não sejam humanizados por meio de roupas ou atitudes, os animais da capa têm um ar sorridente.

As contadoras apresentam esses livros, dizendo que *Pinóquio* conta a história de um boneco de madeira que gostaria de se tornar humano, mas que não consegue ficar longe de confusões que o levam a passar por diversas aventuras. Nesse caso, é provável que as crianças já tivessem conhecimento da personagem, que está presente em diferentes adaptações da história, em vídeos, ilustrações e ornamentações de produtos variados. Já o *Monstro Monstruoso* deve ser menos conhecido. Pelo resumo do enredo, as crianças ficam sabendo que ele não se interessava em comer princesas, como seria sua obrigação. Tudo ia bem, até que recebeu uma carta informando que deveria cumprir seu dever e devorar princesas. Os músicos de Bremen são quatro bichos (um burro, um cachorro, um gato e um galo) que são abandonados por seus donos por estarem velhos e inúteis. Eles resolvem se unir em uma grande aventura: chegar à cidade de Bremen, onde eles acreditam que vão poder se tornar músicos. Ao final dos resumos, como no grupo anterior, há perguntas do tipo: será que eles vão conseguir? o que será que ele vai fazer?

Dentre as poesias narrativas, o interesse por histórias protagonizadas por animais se confirma.

<sup>8</sup> No Hospital da Criança, não houve tempo para fazer a contação de mais do que dois livros do grupo de narrativas complexas por sessão.

**Tabela 4 – GRUPO D: Poesias narrativas mediadas por contador**

| Livro                 | 1 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 2 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 3 <sup>a</sup><br>escolha<br>S.LUIZ | 1 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | 2 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | 3 <sup>a</sup><br>escolha<br>HC | TOT<br>AL |
|-----------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|-----------|
| Macaco danado         | 7                                   | 6                                   | 1                                   | 5                               | 5                               | 1                               | 25        |
| Carona                | 1                                   | 3                                   | 6                                   | 4                               | 3                               | 2                               | 19        |
| Um leão dentro de nós | 5                                   | 1                                   | 3                                   | 5                               | 3                               | 0                               | 17        |

Dentre os títulos mais escolhidos nesse grupo, uma vez mais, figuram animais nas capas e nos títulos. *Macaco danado* apresenta uma mata verde em cujo centro está sentado um macaco, com feições humanas, dedo na boca e ar de dúvida. À sua direita, há uma borboleta sorridente, com expressão humana, e à esquerda, uma lagarta, que também sorri. O enredo resume-se a uma conversa entre o pequeno macaco e uma borboleta, que se dispõe a ajudá-lo a encontrar sua mãe, mas sempre se confunde com as indicações oferecidas por ele. *Carona* tem a capa com menos detalhe dentre todas as escolhidas: ela é composta por uma mão amarela fechada com polegar apontando para o lado, num gesto comum a quem pede carona, sobre um fundo vermelho. Ele conta a história de um surfista, que deseja ir à praia, mas é interrompido a todo momento por seres que lhe pedem carona. *Um leão dentro de nós* mostra a parte superior da cabeça de um leão que, com ar sisudo, olha para um pequeno rato orelhudo que está sobre sua juba. O rato, visto de perfil, tem um enorme olho amarelo e ar assustado. Ele quer ser notado pelos outros animais, por isso decide que precisa aprender a rugir, o que só o leão pode lhe ensinar. Em todos os casos, as contadoras instigam a curiosidade das crianças com perguntas do tipo: será que ele vai conseguir o que quer?

Os resultados obtidos em cada grupo permitem perceber padrões, pois há elementos que se repetem, independentemente do grupo sorteado e do hospital em que as crianças estavam internadas. Como já dito, as crianças poderiam escolher entre livros com personagens negros, personagens brancos, meninos e meninas, mulheres adultas, gênios, feitiçeras, princesas. Mas nada disso despertou tanto interesse quanto animais humanizados e monstros. Tendo em mente que a escolha da criança se baseou na capa, no título e no resumo do enredo, essas tendências podem ser um importante indício das preferências temáticas e imagéticas das crianças.

Escolhidos os livros que gostariam de ouvir, não houve pedidos de interrupção da leitura, o que é mais um indício do interesse das crianças por narrativas que envolvem animais e monstros humanizados.

## Discussão

Diversos estudos no campo da teoria literária e do mercado editorial destacam a forte presença de animais personificados em livros infantis. Elizabeth Dunn (2011), em uma revisão bibliográfica de 120 títulos norte-americanos com presença de animais, afirma:

Animais falantes tornaram-se comuns no âmbito da literatura infantil e talvez até sejam esperados. Animais de todas as variedades povoam livros ilustrados e até mesmo livros com capítulos, e exibem vários graus de características humanas. Esse antropomorfismo não se limita a falar, mas também inclui usar roupas, andar ereto, cozinhar, tocar instrumentos e morar em casas. Do ponto de vista do comportamento, os animais totalmente antropomórficos são quase indistinguíveis dos humanos; eles vão à escola, dirigem carros e lidam com os mesmos problemas e preocupações diárias que os humanos enfrentam (Dunn, p. 2).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> No original: “Talking animals have become commonplace in the realm of children's literature, and are perhaps even expected. Animals of every variety populate picture books and even chapter books, and display varying degrees of human-like characteristics. This anthropomorphism is not limited to talking, but also includes wearing clothing, walking upright, cooking, playing instruments, and living in houses. Behaviorally, those animals who are fully anthropomorphic are almost indistinguishable from humans; they go to school, drive cars, and deal with the same daily issues and concerns that humans have.”

Não se trata, portanto, de animais que se comportam como tal e sim de bichos que agem, pensam e sentem como humanos.

Em outra pesquisa, Jennifer Armstrong levantou os 150 livros infantis de capa dura mais vendidos de todos os tempos nos Estados Unidos e observou que 52 deles são explicitamente “livros sobre animais”, que tematizam bichos ou os apresentam como personagens principais, além de muitos outros que apresentarem animais em papéis secundários (Armstrong, 2010). Eles exibem traços antropomórficos, desde falar ou pensar como humanos até usar roupas e andar ereto. A autora compara os livros infantis à Arca de Noé e argumenta que, quando mais de um terço dos *bestsellers* infantis ao longo do tempo têm um elemento temático comum, podemos assumir que isso não é apenas uma moda passageira, mas uma preferência estabelecida (Armstrong, 2010).

Armstrong não foi a única a aproximar a literatura infantil da narrativa cristã da Arca de Noé. Marc Soriano, citado por Nelly Novaes Coelho, em livro que explora a teoria, a análise e a didática da literatura infantil, comenta:

A literatura infantil faz lembrar uma “arca de Noé”, indefinidamente extensível, onde se juntam os animais mais insólitos: os coelhos e os gatos inquietantes de Lewis Carroll; o burro rancoroso mas aperfeiçoável da Condessa de Ségur; os gansos selvagens de Selma Lagerlof; os espertos animais da fazenda de Benjamin Rabier ou de Probst; o terno Bambi de Félix Salten; o elefante suscetível e ruborizado de Jean e Lauren Brunhoff; lobos e patos coléricos, sutis ou meditativos de Serge Prokofiev, Marcel Aymé ou Walt Disney. [...] Os quadrinhos, a televisão e o cinema não cessariam de enriquecer esse bestiário. (Soriano, 1975 *apud* Coelho, 2000).

O apanhado de referências reúne obras de diversos países, desde a Rússia de Serge Prokofiev e à Áustria de Félix Salten, desde textos antigos como os da Condessa de Ségur até recentes como os de Walt Disney, sugerindo que o interesse por animais humanizados tem grande alcance ao longo do tempo e em distintas localidades.

Da mesma forma, seres monstruosos antropomorfizados também povoam a literatura infantil há séculos (Christie, 2020). Lauren Christie, em “The evolution of monsters in children’s literature” esclarece que a compreensão geral do termo “monstro” e sua representação imagética modificaram-se ao longo do tempo. Apesar de se tratar de uma criatura essencialmente assustadora, paulatinamente passaram a ser representados por meio de ilustrações coloridas e com comportamento amigável e não ameaçador – como é o caso dos livros com personagens monstruosos que compõem o corpus desta pesquisa. Segundo a autora, na produção recente, a figura monstruosa é frequentemente encontrada “defendendo o bem contra o mal, sendo capaz de ajudar uma criança em questões turbulentas, ou como um camarada que se propõe a acompanhá-las em grandes aventuras” (Christie, 2020, p. 2).

Mary-Louise Maynes (2020) pesquisou livros infantis publicados nos séculos XX e XXI e percebeu que os monstros estão frequentemente presentes nas histórias infantis para dormir, representando vários medos comuns da infância, especialmente aqueles relacionados à noite. Segundo a autora, eles ajudam as crianças a gerir seus temores, recorrendo a estratégias psicológicas em associação com recursos literários e imagens. Os livros ilustrados contemporâneos muitas vezes apresentam monstros e crianças que subvertem e minam deliberadamente o medo associado aos monstros, como é o caso dos livros incluídos no corpus desta pesquisa.

As crianças participantes da pesquisa escolheram preferencialmente livros com personagens não-humanos, sejam eles monstros ou bichos, mas que agem como pessoas, em algum grau. Há similaridade entre as duas temáticas, pois tanto os animais humanizados como os monstros encontram-se no domínio do fantástico. Isso pode ajudar a entender também o interesse por *Pinóquio* que, não sendo monstro ou animal, é um ser fantástico. Apesar de se parecer com um menino de verdade, ele é um boneco de madeira que se comporta como humano e que interage com outros personagens fantásticos, como a fada, e com animais humanizados, como o Grilo Falante ou o gato Gedeão e a raposa João Honesto. Até mesmo o livro *O Carona*, que não alude a

situação fantástica, seja no título seja na ilustração, aproxima-se do insólito, pois narra a história de um surfista que, em seu pequeno carro, dá uma carona para sete personagens e seus equipamentos, como um músico com seu enorme contrabaixo, um escafandrista e seu material de mergulho, além de personagens distantes do mundo real, como um jacaré entediado e um super-herói cansado.

A predileção das crianças torna-se mais evidente quando se observa que foram pouco ou nada escolhidos os livros com protagonistas humanos presentes nas capas como *Aladim*, *Malasaventuras* e *Ulomma*. Até mesmo livros em que figuram crianças na capa, com as quais os pequenos pacientes poderiam se identificar, foram pouco escolhidos: *O pequeno Nicolau*, *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, *As gêmeas de Moscou*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Histórias com animais e monstros possivelmente oferecem uma oportunidade de afastamento do cotidiano hostil, do mundo real e humano. A situação peculiar em que a pesquisa foi realizada – com pacientes em internação hospitalar – deve também ser considerada. A criança hospitalizada passa por uma brusca ruptura de sua rotina familiar e vivencia desafios emocionais como medo, ansiedade e culpa (Broseghini, 2018). O isolamento (parcial ou total) e o ambiente pouco acolhedor em que se encontra possivelmente afetam a mobilização de seu interesse. Apesar de, por um lado, essas histórias distanciarem-se da realidade em que a criança se encontra, por outro lado, oferecem elementos para elaborar temas como perda e medo, tal como acontece, por exemplo, em *Gildo* ou em *Macaco Danado*. Auxiliam também na reflexão sobre o sentimento de não-pertencimento, como é feito em *Monstro rosa* e em *Um leão dentro de nós*. Ajudam a criar coragem para enfrentar problemas grandes, como em *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* e *O grande rabanete*. A partir do breve resumo do enredo com que tem contato antes de realizar a escolha, a criança pode ter se identificado com as dificuldades enfrentadas pelos personagens, monstros ou animais, e imaginado que poderia se transportar para longe da situação desagradável em que se encontra.

Os desafios psicológicos enfrentados por crianças hospitalizadas podem ajudar a compreender seu interesse por animais falantes e monstros engraçados; no entanto, não se pode afirmar que a preferência por personagens fantásticos seja definida pela situação de adoecimento e internação, uma vez que não foi feita uma pesquisa comparativa com crianças saudáveis da mesma faixa etária e com os mesmos títulos que compuseram o corpus deste estudo. Pesquisas futuras podem investigar mais a fundo essa hipótese.

Próximas pesquisas também devem buscar entender o desinteresse por livros em cujas capas figuram seres humanos, ainda menos escolhidos quando eram pretos, o que sugere que raça pode ter influência nas escolhas das crianças. *A mãe que voava*, *E foi assim que eu e a escuridão nos tornamos amigas*, *Caderno de rimas do João* e *Ulomma*, em que há crianças e adultos negros na capa, foram pouco ou nunca escolhidos. Segundo dados do formulário de identificação socioeconômica e cultural, praticamente metade das crianças foram autodeclaradas brancas por seus responsáveis, seguidas por pardas, o que pode ter influenciado a rejeição a esses livros.

Esse tema é particularmente interessante se considerarmos que, na Bienal do Rio de Janeiro, realizada 2023, ao mesmo tempo em que este estudo foi desenvolvido, os livros mais comprados tinham como tema questões relacionadas à cultura, história e vivência de pessoas negras.<sup>10</sup> No estande da Companhia das Letras, o campeão de vendas foi *Neguinha, sim!*, de Renato Gama. O segundo colocado foi *Amoras*, de Emicida. O terceiro foi *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka, que tem como protagonista uma Cinderela negra e aborda o empoderamento feminino. *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, livro que fez parte do corpus desta pesquisa e foi um dos livros menos escolhidos pelas crianças internadas, ficou em 4º lugar entre os livros mais vendidos da editora. Do ranking dos vinte títulos mais vendidos pela Companhia das Letras na Bienal, quatorze

<sup>10</sup> <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Bienal-do-Livro-do-Rio-mais-vendidos-retratam-questoes-sociais-e-raciais>.

foram livros que tratam de questões sociais, raciais e de diversidade e que ilustram personagens negras na capa. Apenas dois têm animais nas capas. Ana Tavares, editora executiva do núcleo infantil da Companhia das Letras, acredita que essa tendência possa ser um reflexo dos anseios da sociedade por mais títulos que contemplem questões sociais, raciais e de narrativas diversas (Blog das Letrinhas, 2023). Ela comenta, também, dois fatores fundamentais que podem ter levado a essa realidade nas vendas no evento: o primeiro diz respeito ao preço mais acessível da coleção Canoa, da qual faziam parte vários dos títulos voltados para questões de representatividade; o segundo tem a ver com a lista de obras sugeridas para adoção escolar elaborada pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro em parceria com o departamento de educação da Companhia. “Na lista, estão os principais títulos com protagonismo negro em nosso catálogo e, não à toa, vários deles acabaram se tornando destaques no ranking de vendas”, explica Ana Tavares (Blog das Letrinhas, 2023).

A discrepância entre as escolhas feitas pelas crianças hospitalizadas e aquelas realizadas pelos compradores de livros na Bienal reforça a ideia apresentada neste trabalho, segundo a qual as escolhas e a perspectiva das crianças têm relativamente pouco espaço na literatura infantil, que é escrita, composta, vendida e comprada por adultos, cujos interesses e preocupações nem sempre coincidem com os dos pequenos leitores. Os fatores mencionados por Ana Tavares, que possivelmente influenciaram as vendas na Bienal, são ambos pouco relacionados ao interesse infantil pelo livro, mas sim à motivação de compra do adulto responsável – seja porque considera os preços mais baixos como fator determinante para a compra, seja porque a compra foi motivada pela lista de livros solicitados pela escola, seja porque deseja apresentar e discutir com ela questões sociais e raciais.

Os livros lançados pelas editoras não devem, necessariamente, contemplar apenas temáticas de interesse geral das crianças. As melhores escolhas e estratégias editoriais podem ser aquelas que desafiam as crianças, as que lhes apresentam temas e situações novas, as que as levam a crescer – muitas vezes contemplando anseios da sociedade como as questões sociais e raciais. No entanto, conhecer o interesse infantil não deixa de ser importante e necessário, em especial quando se pensa nos livros ideias a serem levados a crianças hospitalizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. e BROCKINGTON, G. **Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais**. Fapesp, 2022: 2022/05782-6.

ARMSTRONG, Jennifer. **Eating Reading Animals**. The Horn Book Magazine 86.3 (2010): 34-40. Academic Search Premier. Web. 18 nov. 2010.

BROCKINGTON, G. *et al.* **Storytelling increases oxytocin and positive emotions and decreases cortisol and pain in hospitalized children**. PNAS. 1º jun. 2021.

BROSEGHINI, Carla. **Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 14, n. 2, p. 143–154, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/721>. Acesso em: 19 ago. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)**. São Paulo, SP; Brasília, DF: Quiron: Instituto Nacional do Livro, 1981.

CHRISTIE, L. The evolution of monsters in children’s literature. *Palgrave Commun* 6, 41 (2020). <https://doi.org/10.1057/s41599-020-0414-7>

DUNN, Elizabeth A. **Talking Animals: A Literature Review of Anthropomorphism In Children's Books**. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17615/kzs4-bf31>

MAYNES, ML. Monsters at bedtime: managing fear in bedtime picture books for children. *Humanit Soc Sci Commun* 7, 63 (2020). <https://doi.org/10.1057/s41599-020-00561-4>

TORRES, Hellen Cristina Costa; LIMA DA SILVA, Gabriela; HEITKOETTER, Douglas Augustinhak. **Humanização no atendimento da criança e do adolescente**, 2022. Disponível em: <https://redehumanizaus.net/humanizacao-no-atendimento-pediatico/#:~:text=A%20humaniza%C3%A7%C3%A3o%20no%20cuidado%20pedi%C3%A1trico,que%20contribui%20para%20sua%20recupera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 ago. 2023.

### **CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS**

Beatriz Levanteze de Burgos – Coleta de dados, Análise Formal, Escrita – Primeira versão, Revisão e Edição.

Márcia Abreu – Administração do Projeto, Obtenção de Financiamento, Supervisão, Análise Formal e Escrita do texto.

Melissa Santos – Coleta de dados, Análise Formal, Escrita do texto.

### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

As autoras declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.